

## CARTA AOS ROMANOS

**P**aulo escreveu a Carta aos Romanos no ano 58. Seus planos eram de, ao terminar de escrever a carta, ir a Jerusalém entregar uma oferta levantada pelas igrejas fora da Palestina. Como não sabia se seria bem recebido, ele pede orações pela sua viagem. Após esse último compromisso, começaria sua viagem para Roma.

Paulo escreveu esta carta um pouco antes de ser preso em Jerusalém e embarcar para Roma para ser julgado. Entretanto, nos versículos iniciais do capítulo 1 ele já diz que deseja intensamente ir visitar os irmãos de Roma. Sua intenção era conseguir o apoio da Igreja de Roma para continuar seu ministério em direção à Espanha. Seus adversários estavam correndo o mundo manchando sua imagem e, por medo de chegar lá e ser mal recebido, adianta, como uma defesa prévia, o conteúdo da sua mensagem, para demonstrar que não havia nenhum sinal de falsidade no seu evangelho.

Pela leitura de Atos 21 descobrimos que Paulo realmente foi para Roma, apesar de não ser na situação que gostaria de ter ido. Ao chegar a Jerusalém, foi preso e enviado como prisioneiro, numa viagem que seria uma verdadeira aventura. Vale a pena lermos a narrativa daquela viagem nos últimos capítulos de Atos.

Alguns anos depois desta Epístola ter sido lida pelos irmãos de Roma, Paulo finalmente estava ali. Preso, é verdade, mas livre para pregar e influenciar Roma com o evangelho de Cristo. O futuro mostraria que sua mensagem dominaria não só a cidade, mas todo o império romano. O evangelho prevaleceu!

Um bom estudo.

ISSN 1984-8382

Literatura Batista  
Ano CXII – Nº 446

**Atitude Professor** é uma revista de orientações didáticas para professores de jovens na Escola Bíblica Dominical seguindo a matriz curricular da edição do aluno

Copyright © Convicção Editora  
Todos os direitos reservados

Proibida a reprodução deste texto total ou parcial por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados etc.), a não ser em breves citações, com explícita informação da fonte

Publicado com autorização  
por Convicção Editora  
CNPJ (MF): 08.714.454/0001-36

## Endereços

Caixa Postal, 13333 – CEP: 20270-972  
Rio de Janeiro, RJ  
Telegráfico – BATISTAS

## Editor

Sócrates Oliveira de Souza

## Coordenação Editorial

Solange Cardoso de Abreu d'Almeida  
(RP/16897)

## Redação

Valtair Afonso Miranda

## Produção Editorial

Oliverartelucas

## Produção e Distribuição

Convicção Editora  
Tel.: (21) 2157-5567  
Rua José Higino, 416 – Prédio 16 – Sala 2  
1º Andar – Tijuca – Rio de Janeiro, RJ  
CEP 20510-412  
literatura@convicaoeditora.com.br

## //SUMÁRIO

Para começar .....	1
Pauta musical .....	3
Conversa de professor .....	8
Recursos bíblico-teológicos .....	11
Tema da EBD .....	10
LIÇÃO 1 – O retrato do homem da cidade ontem e hoje .....	10
LIÇÃO 2 – O perfeito juízo de Deus .....	13
LIÇÃO 3 – O pecado universal e a salvação pela fé .....	16
LIÇÃO 4 – Abraão, o pai da fé .....	16
LIÇÃO 5 – Justificação e reconciliação .....	22
LIÇÃO 6 – O poder salvador da graça de Cristo .....	25
LIÇÃO 7 – O cristão livre da lei.....	28
LIÇÃO 8 – A vida do cristão no Espírito ....	31
LIÇÃO 9 – A essência da compaixão de Deus .....	34
LIÇÃO 10 – A compreensão da justiça de Deus .....	37
LIÇÃO 11 – A salvação para todos na busca de uma sociedade saudável.....	37
LIÇÃO 12 – Os princípios do cristão na vida social.....	43
LIÇÃO 13 – Epístola aos Romanos – Uma mensagem para hoje.....	43

## Que Estou Fazendo Se Sou Cristão?

*"Abre a mão para o pobre; sim, ao necessitado estende as suas mãos"*

(Pv 31.20).

*Unísono*

1. Que es-tou fa-zen-do se sou cris-tão? Se Cris-to deu - me to-tal per-dão? Há mui-tos  
 2. Há mui-ta fo - me no meu pa - is, há tan-ta gen-te que é in - fe - líz! Há cri-an-  
 3. Que es-tou fa-zen-do se sou cris-tão? Se Cris-to deu - me to-tal per-dão? Há mui-tos

po-bres sem lar, sem pão. Há mui-tas vi - das sem sal - va - ção. Meu Cris-to  
 ci-nhas que vão mor-rer, há tan-tos ve - lhos a pa - de - cer! Mi-lhões não  
 po-bres sem lar, sem pão. Há mui-tas vi - das sem sal - va - ção. Aos po-de-

vei - o pranos re-mir: o ho-mem to - do, sem di - vi - dir. Não só a  
 sa - bem co-mo es - cre - ver, mi-lhões de o - lhos não sa - bem ler, nas tre-vas  
 ro - sos eu vou pre-gar, aos ho-mens ri - cos vou pro - cla - mar que a in-jus-

al - ma do mal sal - var, tam - bém o cor - po res-sus - ci - tar.  
 vi - vem sem per - ce - ber que são es - cra - vos de ou - tro ser.  
 tí - ça é con - tra Deus e a vil mi - sé - ria in - sul - ta os céus.

HCC - nº 552

LETRA: João Dias de Araújo, 1967  
 MÚSICA: Décio Emerique Lauretti, 1974

CONSCIÊNCIA  
 9.9.9.9.D

© Copyright da letra 1990 JUERP. Todos os direitos reservados.

# PANORAMA GERAL DE ENSINO

**Osmar Nogueira Penido Neto**

No livro *Manual de Ensino para o Educador Cristão*, Howard G. Hendricks traz a seguinte história:

*“Certo cartum retratava um senhor Brown e uma senhorita Smith. Era óbvio que a moça, munida das provas e dos resultados de entrevista, candidatava-se a um cargo pedagógico.*

*“Sinto muitíssimo, mas não podemos aceitá-la. Notamos que você é recém-formada de uma escola de educação, e exigimos um professor com experiência em sala de aula de, no mínimo, cinco anos. Além disso, você só tem grau de bacharel e preferimos alguém com o mestrado.”*

*O olho do leitor então passa para o quadro seguinte, onde o senhor Brown, agora irmão Brown e superintendente da Escola Dominical, entrevista a irmã Smith, a qual rebate o pedido que ele lhe fez para ser professora: “Irmão Brown, sou nova-convertida e, na verdade, não sei muita coisa sobre a Bíblia”.*

*“Ora, isso não é problema”, responde ele. “A melhor maneira de aprender a Bíblia é ensiná-la.”*

*“Mas, irmão Brown, eu nunca ensinei juniores”, ela objeta.*

*“Oh, não deixe que isso a coíba, irmã Smith. Tudo o que exigimos é alguém com coração disposto”, vem a resposta.”*

Com este cartum, Hendricks quer mostrar o desleixo da maioria dos cristãos em relação ao ensino cristão eficaz. Sabemos que Deus tem poder para capacitar aqueles que estão dispostos a assumir o trabalho dado por ele. Entretanto, não devemos esperar que ele resolva tudo, mas nos apropriar dos instrumentos e métodos para um

bom ensino, a fim de tornar nossas aulas mais atrativas para nossa comunidade.

Educar é mais do que simplesmente transmitir um conhecimento. Vários fatores devem ser compreendidos para que, de fato, o ensino aconteça. John Gregory nos leva a uma reflexão muito valiosa em seu livro “As sete leis

do ensino”, a saber: existem dois conceitos importantes na educação: desenvolver capacidades e adquirir experiência. O primeiro para maturação do corpo e da mente e o segundo para fornecer à criança a herança de sua espécie. De uma forma mais simples, ensinar é comunicar experiência, pintar ou desenhar na mente de outro o quadro que já temos em nossa mente.

De forma sistemática, definimos que um ato completo de ensino contém sete elementos ou fatores distintos: dois fatores pessoais: o professor e o aluno; dois fatores mentais: a linguagem e a lição; e três atos funcionais ou processos: do professor, do aluno e um processo final ou verificador. Estes são essenciais em cada ação inteira e completa de ensinar. Ressalte-se que apesar de sistemático, sua aplicação não é difícil de ser alcançada.

Ainda devemos observar que adotar estes princípios não significa desprezar a habilidade natural de acender o entusiasmo e conservá-lo vivo, pelo contrário, o amor do trabalhador por sua obra aumenta com sua habilidade de realizá-la melhor, afirma John Gregory. Em linhas gerais, Gregory afirma:

## **O professor**

A lei do professor é: conheça aquilo que vai ensinar. O verbete saber é o centro desta lei. O professor precisa saber ou conhecer o material com que trabalha. É notável que mesmo sem pleno co-

nhecimento, alguns ainda conseguem passar algum ensinamento. Assim como alguns, mesmo dominando o assunto ou matéria aplicada, não obtém êxito no ensino. Mas a verdade é que um conhecimento imperfeito reflete num ensino imperfeito.

Em contrapartida, o professor bem preparado, que consegue transmitir seu conhecimento de forma clara e firme aviva em seus alunos o desejo de estudar mais e mais. Ele sentem nele confiança, que, na maioria das vezes, é transmitida inconscientemente pelo seu entusiasmo ardente ao ensinar.

## **O aluno**

Ao aluno, podemos tomar como regra: dedique-se com interesse à matéria a ser aprendida. O grande desafio está em despertar a atenção dos alunos para isso, fazer com que a mente deles esteja focada numa direção, concentrada num objeto. Sem isso o aluno não pode aprender. Mesmo que o professor ou o manual estejam cheios de informações, o aluno só irá reter aquilo que o seu poder de atenção possibilitar firmar em sua mente.

Atentemos, então, para algumas qualidades de atenção que devem ser compreendidas para que consigamos entender este processo.

### **1. Atenção adejante ou passiva.**

Esta não envolve esforço da vontade. É a atenção de tipo primitivo, instintivo e básico, a atenção da criança.

**2. Atenção ativa.** Esta tem como primeira condição a vontade. É notada quando se escolhe fazer o que deve ser feito tendo consciência dos convites ou atrações, que podem ser até mais agradáveis e mais atrativas do que a escolhida.

**3. Atenção passiva secundária.** Esta se dá por meio da absorção das ideias de um modo atrativo, não exige muito esforço, mas também não podemos descartá-lo.

Temos um conceito errado de que a mente é apenas um galpão onde empilhamos as ideias, mas a natureza da nossa mente, até onde podemos compreender, é constituída de um poder ou força acionado por motivos. Assim como uma ação muscular, o vigor da ação mental é proporcional ao estímulo que a inspira.

O esforço do professor deve ser no sentido de tornar a aula tão interessante que a atenção dos alunos a acompanhe. Para isso, ele pode usar algumas “portas” para entrar na mente do aluno, entre elas, os órgãos sensoriais, a mente tende a atentar para aquilo que apela aos sentidos. Ainda é possível usar como porta uma relação entre a lição com algo do passado do aluno, ou com seu futuro.

Outro fator que devemos considerar é a idade. As fontes de interesse variam com a idade do aprendiz, e com os estágios do crescimento e da inteligência. O professor que aspira aos melhores e mais ricos resultados no

seu ministério deve estar ciente da arte de chamar e prender a atenção, de provocar genuíno interesse em seus alunos.

## A linguagem

A lei da linguagem se resume em: *a linguagem usada deve ser comum ao professor e ao aluno*, ou seja, ter o mesmo significado. Uma palavra expressa uma ideia somente para quem tem a ideia e aprendeu a palavra como o seu sinal ou símbolo. Sem a ideia ou a imagem na mente, a palavra não significa nada. O professor que deseje ser entendido, não pode deixar de observar este aspecto, pois na maioria das vezes o professor tem um vocabulário maior que o do seu aluno. Se quiser ser compreendido em sua totalidade deve procurar entrar na esfera da linguagem do aluno.

Para entendermos como seria essa transmissão de pensamento, e adotando a linguagem como veículo do pensamento, podemos pensar que a linguagem transmite pensamentos como os fios ou as ondas herzezianas transmitem e carregam mensagens, como sinais aos operadores receptores, que devem retransmiti-las dos ruídos que ouvem. Assim, o poder comunicativo da linguagem empregada está no que o ouvinte entende e reproduz em sua mente.

A linguagem ainda pode ser o instrumento do pensamento, através das palavras com seus conceitos claros e válidos; e o celeiro do pensamento, pois as palavras

também são o indício pelo qual redescobrimos e reconhecemos essas ideias.

Vale ressaltar que as palavras não são o único meio pelo qual falamos. Gestos, atos simbólicos, pinturas são maneiras de expressar o que pensamos. Provavelmente, a linguagem artificial seja o principal meio de comunicação entre professor e aluno.

## **A lição**

A lei da lição é: *a verdade a ser ensinada deve ser aprendida através de alguma verdade já conhecida*, em vista que a lição é o processo pelo qual o professor passa ao aluno a conhecida experiência humana. Esta lei tem sua razão de ser na natureza da mente e na natureza do conhecimento humano.

Todo ensino deve avançar numa direção, adquirindo novas experiências, que deve se processar por passos gradativos, unindo um fato ou conceito a outro. Tendo em vista que coisas simples e concretas conduzem naturalmente a coisas gerais e abstratas. Cada passo deve ser bem aprendido antes de se passar ao seguinte, do contrário, os alunos ficarão perdidos.

Os fatos estão ligados em sistemas, e associados por semelhanças. Cada fato conduz a outro, e o explica. O velho revela o novo, e este também confirma e corrige aquele. O ato de conhecer é, em parte, um ato de comparar e avaliar, a fim de achar algo na experiência passada que explique e torne significativa a nova expe-

- ▪ ▪ Olho: *Todo*
- ▪ ▪ *ensino deve*
- ▪ ▪ *avançar numa*
- ▪ ▪ *direção, adquirindo*
- ▪ ▪ *novas experiências,*
- ▪ ▪ *que deve se*
- ▪ ▪ *processar por*
- ▪ ▪ *passos gradativos,*
- ▪ ▪ *unindo um fato*
- ▪ ▪ *ou conceito a*
- ▪ ▪ *outro*
- ▪ ▪

riência. Então, uma explanação significa, em geral, uma citação ou uso de fatos e princípios já conhecidos para mostrar a natureza de um material novo.

Também precisamos refletir sobre a natureza do processo de pensamento para a solução de problemas. Adotando o processo de aprender lições, assim como resolver problemas, como um processo em que o aluno enfrente uma situação real, cujo aprendizado ou domínio envolva a aplicação de interesse do seu pensamento.

Devemos entender que o poder de pensar é parte e parcela do equipamento mental original da criança, e se desenvolve gradualmente, como as demais capacidades. A diferença de pensamento entre a criança e o adulto está, apenas, na diferença de grau, variando o grau de interesse de acordo com a idade. O professor deve perceber isso para aplicar adequadamente sua lição.

Existem três estágios do processo de pensar. O primeiro é o estágio da dúvida ou incerteza. O segundo, o estágio da organização dos meios para conseguir atingir os fins desejados. E terceiro, a crítica, seleção ou rejeição, do material obtido. Quem prosseguir nesses estágios certamente terá bons resultados dos seus alunos.

## **O processo de ensino**

A lei do processo de ensino é *estimular e dirigir as atividades do aluno e, se possível, nada lhe dizer do que ele possa aprender por si, ou seja, fazer do aluno um descobridor da verdade, deixando que ele a encontre por si.*

É notória a possibilidade de aprendermos sem professor. As crianças aprendem fatos antes de irem a qualquer escola. Sendo assim, pra que professor? A sua utilidade está em sua verdadeira função, a saber, criar condições mais favoráveis ao autodidatismo. Eles, juntamente com a escola, selecionam currículos com aquilo que julgam ser mais útil à experiência humana, organiza-o e o oferece aos alunos por meio das facilidades de ensino. O verdadeiro ensino não é aquele que dá conhecimento, mas aquele que estimula os alunos a ganhá-lo. Essa lei deriva de dois alvos: adquirir conhecimento e ideais, e desenvolver habilidades e proficiência.

Para que estes alvos sejam alcançados, entenda-se que as atividades próprias ou poderes

mentais não se põem a trabalhar sem um motivo ou estímulo. Na vida inicial, os estímulos externos são mais fortes e, nos anos amadurecidos, podemos notar uma resposta melhor com os estímulos internos. Entretanto, se o pensamento não estiver presente, os estímulos serão usados em vão, pois independentemente do estímulo, os processos de cognição são os mesmos. Observamos sempre a comparação do novo com o velho, a alternada análise e síntese das partes, do todo, das classes, das causas e dos efeitos; a ação da memória e da imaginação, o uso do julgamento e da razão, e os efeitos sobre o pensamento, dos gostos e preconceitos no que respeita ao conhecimento e experiência prévia do aluno.

Também não devemos deixar de lado a ideia de que a ação mental praticamente é limitada ao campo de conhecimento que a mente adquiriu. O poder de qualquer objeto ou fato como estímulo mental depende, em cada caso, do número de objetos ou fatos relacionados que o indivíduo já conhece. O pensar aprofunda-se e cresce mais intensamente quando aumenta o conhecimento.

As duas principais fontes de interesse que podem despertar a mente são: o amor de se conhecer por amor do próprio conhecimento (seu valor cultural) e o desejo de se conhecer para usá-lo como instrumento na solução de problemas ou para se obter outros



5) Um estágio realmente avançado é observado quando o aluno consegue estudar os usos e aplicações do saber.

Quando este último estágio for atingido, podemos dizer que o processo de aprendizagem foi completo. Para este propósito, devem estar constantemente dirigidos os esforços do mestre e do aluno. E este, sabendo destes estágios, ficará habilitado para vigiar seu próprio progresso.

Ainda devemos saber que esta lei possui duas limitações. A primeira tem a ver com a idade dos alunos. A atividade mental das crianças restringe-se aos sentidos, enquanto os mais maduros se preocupam mais com a razão ou os motivos do saber. A segunda está nos diferentes campos do saber. Cada ramo do conhecimento tem suas próprias evidências e aplicações e, portanto, seu próprio jeito de satisfazer suas condições.

## **A recapitulação e aplicação**

Por esta lei adotemos: *o acabamento, a prova e a confirmação da obra do ensino devem processar-se pela da recapitulação e aplicação.* A definição dessa lei busca incluir três principais alvos, a saber, aperfeiçoar o conhecimento, confirmar o conhecimento e tornar o conhecimento útil a ser usado.

Recapitulação é mais que uma repetição. Uma repetição feita por uma máquina é precisamente um

segundo movimento igual ao primeiro; a repetição pela mente é o repensar de um movimento. Essas recapitulações podem ser mais simples, quando constam muitas repetições, ou mais abrangentes, quando se faz um reestudo completo das lições. As repetições são valiosas para corrigir a memorização e melhorar a faculdade de recordar.

Uma questão interessante que não podemos deixar passar é o fato da mente humana não conseguir suas conquistas num só esforço. Existe uma espécie de incubação mental que, de vez em quando, resulta numa esplêndida descoberta. Os fisiologistas chamam isso de *cebração inconsciente*, pois o cérebro trabalha sem que o percebamos.

Os processos de recapitulação devem variar de acordo com o assunto do estudo, a idade e o progresso dos alunos. Qualquer exercício pode servir para lembrar o material a ser revisado. Uma das melhores formas é aplicando de algum modo. O uso de tarefas manuais também têm grande valor e poder, principalmente no estudo científico.

Sabe-se que o simples estudo dessas leis não faz de cada leitor um excelente professor, mas, uma vez obedecidas, produzirão seus efeitos da mesma forma como as leis da vida produzem o crescimento do corpo.

# O FIM DO APÓSTOLO PAULO

VALTAIR A. MIRANDA  
São Gonçalo, RJ

“Tínhamos transporto o espigão íngreme de uma montanha arborizada e atravessado a planície espaçosa que se estende aos seus pés. O anoitecer já espalhava suas trevas sobre o caminho, quando chegamos a uma cidade rica e populosa. Os habitantes procuravam dissuadir-nos de partirmos durante a noite ou mesmo de manhã, porque, diziam, bandos de lobos grandes e fortes, de crueldade feroz, acostumados à pilhagem, infestavam toda aquela região. Eles tinham chegado a cercar as estradas e a atacar os viajantes como fazem os bandidos; mais ainda, na louca raiva em que os colocava a fome, forçavam a entrada das propriedades limítrofes, de modo que também os seres humanos já se viam ameaçados de perecer como o gado sem defesa” (Apuleio, *As metamorfoses*, VIII, 15).

Cem anos depois de Paulo, Apuleio narrou no seu famoso romance do homem transformado num asno a travessia da região de Capadócia e Síria. Mesmo no formato romancado, o filósofo do segundo século conseguiu demonstrar os perigos de viajar por aquelas regiões. Muitos eram os perigos.

Paulo passou por esta região algumas vezes. Na sua primeira viagem, margeou-a. Na sua segunda viagem, adentrou-a.

Não se passou muito tempo e os missionários desejam novamente retomar a obra. O projeto inicial parece ser modesto, apenas visitando as comunidades plantadas durante a viagem anterior. Mas durante a preparação, no ano de 50 ou mesmo 51, Paulo e Barnabé rompem fortemente por causa de João Marcos, que abandonou o grupo na viagem anterior. Barnabé queria levá-lo novamente; Paulo, não. Como resultado, Barnabé e Marcos foram para Chipre fazer o roteiro da primeira viagem, enquanto Paulo e novos companheiros foram para a Ásia.

O relato de Atos é breve e tem como meta colocar os missionários rapidamente na Europa. Por isso ele narra pouco do que aconteceu antes disso. Saindo de Antioquia, eles passaram por Tarso, até chegar em Listra, onde Paulo convenceu Timóteo a acompanhá-lo a partir desse momento. Timóteo é convencido a se circuncidar para poder ajudar Paulo na pregação aos judeus.

A intenção de Paulo era ir direto para Éfeso, mas nos seus termos, foi impelido pelo Espírito Santo para ir para a Frígia e a região da Galácia.

Na Galácia foi bem recebido. Ele percorreu regiões mais amplas do que Pisídia e Licaônia, que já tinham sido evangelizadas na primeira viagem. O foco eram as grandes cidades, para que dali a mensagem se espalhasse para o interior. Mesmo sem intenção de se demorar, Paulo foi acometido de uma doença que o forçará a ficar entre os gálatas por um tempo maior. Ele fala do cuidado que recebeu deles em Gálatas 4.14.

Paulo ainda não tem certeza do caminho a tomar até que passa por uma experiência visionária durante um sonho, onde ouviu um apelo de um macedônio. Sem mais demora, o grupo embarcou em Trôade (agora já com o autor de Atos, por causa da seção nós) e dois dias depois desembarcou em Neápolis, seguindo daí até Filipos.

Filipos era uma colônia romana, ou seja, foi fundada para receber soldados veteranos de guerra. Possuía um status diferenciado dentro do império, emulando a situação da Itália. Possuía assim seus magistrados escolhidos por eles mesmos.

Ali havia poucos romanos. Não parecia ter nem mesmo uma sinagoga. Os judeus se reúnem perto de um rio, um lugar de orações. Ali Paulo conheceu Lídia, uma negociante de púrpura da cidade que lhe deu hospitalidade.

A missão deve ter durado alguns meses, tempo suficiente para Paulo plantar ali uma comunidade que lhe dará muita alegria. A menção a episcopos e diáconos faz pensar que a comunidade ficou relativamente bem organizada.

A dificuldade surgiu quando Paulo cura uma jovem com espírito de adivinhação e compra uma briga com seus donos, pagãos da cidade, que acusam Paulo diante dos magistrados locais, estrategos. A adversidade aqui vem dos romanos, que desdenham da mensagem de Paulo e do judaísmo. Paulo é açoitado e se recusa a deixar a cidade até que as autoridades venham se desculpar, já que era cidadão romano e não poderia ser castigado daquele jeito.

Após a saída de Paulo, Lucas ficou na cidade e só vai se juntar a Paulo novamente na terceira viagem missionária.

Paulo, Silas e Timóteo chegam a Tessalônica, a principal cidade da Macedônia. Era uma cidade livre, com autonomia interna, administrada por um conselho, boule, eleito pela assembleia do povo e presidido pelos politarcas. Aqui a comunidade judaica já era importante e possuía uma sinagoga.

Como costumava fazer, Paulo vai até a sinagoga da cidade, e após a leitura das Escrituras, começa sua pregação de Jesus como o messias crucificado. Ele consegue falar por três sábados, mas após isso o expulsam. Daí para frente sua missão se dá entre os prosélitos.

A carta que escreverá depois para a comunidade, o primeiro documento do Novo Testamento, denuncia o acento escatológico que caracteriza este primeiro período da sua teologia. Na carta Paulo se volta para as tradições apocalípticas para realçar o papel de Jesus como o salvador. Ele intervirá em favor dos seus na hora do juízo.

Paulo espera pela volta de Jesus com entusiasmo, e sua mensagem tem um sucesso inesperado. Mas o resultado não necessariamente o agradou. Se a volta de Jesus é para logo, por que trabalhar? Em sua carta ele precisa corrigir estes distúrbios, e evitará no futuro tudo o que possa levar a semelhante equívoco.

Outra consequência do sucesso de Paulo entre os prosélitos foi a oposição dos judeus da cidade, que o acusa diante dos politarcas de violarem os editos do imperador, falando que há outro rei que não César. Paulo, Silas e Timóteo parte apressadamente da cidade, mas também daqui por diante Paulo se mostrará cauteloso quanto ao tema da realeza de Jesus, além de deixar claro sua perspectiva quanto à obediência aos poderes constituídos.

Ao chegar em Bereia, cidade do interior, surge nova audiência favorável, mas os judeus de Tessalônica logo aparecem para tumultuar. O grupo entende que é melhor Paulo ir na frente. Ficam ali Silas e Timóteo, talvez para despistar os adversários.

O próximo destino de Paulo, desta vez sozinho, é Atenas, a grande cidade da Grécia. Ela não era mais a mesma dos tempos de Péricles, mas conservava o status de cidade aliada dos romanos, o que lhe dava certos benefícios. Guardava ainda sua predominância no campo da cultura, das artes e da filosofia. Naqueles tempos, as escolas de pensamento predominante eram a epicurista e a estoica.

O epicurismo nasceu com a mensagem de Epicuro de que a fonte de felicidade está na ausência de perturbação e no prazer, fruto de uma vida desapegada. O homem deveria expulsar de si todo o medo.

O estoicismo vem de Zenão, e caminha na direção oposta a de Epicuro. Ele prega a harmonia com os cosmo e com o mundo. Sua moral é do esforço e do domínio de si mesmo. Era estoico dos tempos de Paulo Sêneca, preceptor de Nero, contemporâneo de Paulo.

Nesta cidade, acostumada a debater ideias em praça pública, Paulo divulgará a mensagem revestindo-a de uma roupagem gentílica. Ele compareceu diante do conselho do Areópago para explicar sua mensagem, que parecia bem estranha para os gregos. O areópago era uma assembleia, com antigos arcontes, e estava encarregada de zelar pela manutenção das tradições e da ordem das escolas filosóficas.

A narrativa de Atos descreve Paulo utilizando-se de belas estratégias

de oratória, mas, quando toca no assunto da ressurreição, ele perde o seu auditório. A ideia da ressurreição parecia absurda demais para aqueles ouvidos. Sua atuação, assim, na grande Atenas foi desastrosa.

Na sua carta aos coríntios (1Co 2.3) ele diz que deixou-a deprimido para se dirigir para Corinto, a capital da província romana senatorial da Acaia.

A Corinto antiga tinha sido destruída pelos romanos em 146 a.C., e dela só restava o Templo de Apolo com suas admiráveis colunas dóricas. A Corinto dos tempos de Paulo havia sido reconstruída para ser uma colônia em 44 a.C. por ordem de Júlio Cesar. Mas como era um ponto estratégico de trânsito, aos colonos latinos se juntaram gente de todos os lugares.

Fala-se em 500 mil habitantes para a cidade, mas a cifra parece exagerada. De qualquer forma, era uma cidade grande, organizada como uma colônia, com arcontes, conselho, assembleia do povo (ekklesia). Corinto era, assim, uma cidade romana na Grécia.

Ao chegar ali ele se juntou a Áquila e Priscila, casa de comerciantes judeus vindos de Roma por causa do decreto de expulsão de Cláudio, com quem trabalhava. Paulo ficou na cidade por mais de 18 meses.

Como fazia, iniciou seu ministério entre os judeus. No início de sua atuação em Corinto, ainda entristecido pela atuação em Atenas, ele é confortado com as notícias de Tessalônica trazidas por Timóteo.

Assim que recebe as notícias, escreve sua primeira carta por nós conhecida, o primeiro documento do Novo Testamento cristão, a 1 Tessalonicenses. Nesta carta há uma dura passagem contra os judeus que tentam se opor à pregação de Paulo por onde ele passa.

Após ser expulso da sinagoga, ele se instala na casa de Tício Justo e se dedica a pregação aos pagãos.

Em algum momento, Paulo foi acusado diante de Galião por judeus da cidade. As palavras do procôncul registradas por Atos (At 18.15) são uma importante evidência da forma como o movimento é confundido com outros grupos judaicos diante dos olhos romanos: “Se são contestação de palavras, de nomes e de vossa própria Lei, tratai vós mesmos disso! Não quero ser juiz destes assuntos”.

Os romanos entendiam a comunidade como uma seita do judaísmo, e por isso evitavam se envolver nos seus negócios, e a tratavam via o benefício judaico da religio licita. Valia para as comunidades de Jesus, então, o mesmo tratamento dado aos judeus, que eram respeitados, como os costumes dos demais povos submetidos à Roma, desde que não colocassem em risco a segurança do Império.

Em termos de configuração religiosa, a comunidade era formada de judeus e pagãos, mas o segundo elemento era maioria. Do ponto de vista étnico, haviam latinos, gregos e pessoas de outras porções do Oriente.

Em termos sociais, havia muitos pobres e escravos, mas também alguns ricos, como Crispo, o antigo chefe da sinagoga, Gaio, que recebia a igreja em sua casa. Ambos foram batizados por Paulo. Outro era Erasto, o tesoureiro da cidade.

Algum tempo depois de comparecer diante do procônsul, Paulo decide voltar para Antioquia. Na viagem de retorno, passa rapidamente por Éfeso e se dirige para a igreja mãe de Jerusalém, para, por fim, chegar a Antioquia. Ele deixou Corinto na primavera de 54 e chegou a Jerusalém no verão. Mas no outono mesmo inicia a próxima viagem, sua terceira.

Esta é considerada a terceira viagem missionária de Paulo. Ele retoma o roteiro da segunda viagem, e começa visitante as igrejas anteriormente plantadas. Até agora Paulo já havia escrito duas cartas, ambas para a igreja de Tessalônica. Nesta viagem, escreverá cartas para a igreja de Corinto, bem como aos Gálatas e aos crentes de Roma. Em termos de produção teológica, representam, então, o seu amadurecimento, depois de um longo período de reflexão, estudo, reação a conflitos e ataques de judeus e pagãos.

Boa parte delas ele escreve enquanto está em Éfeso, cidade onde faz uma de suas mais longas paradas. Sua permanência na cidade é de mais de dois anos. Esta cidade se tornou importante em sua obra missionária por causa da multiplicação que se dá a partir desta

comunidade em direção a outras cidades da região ou mesmo o interior.

Éfeso era uma das mais famosas cidades da Jônia. Pertencia, assim, à Hélade grega, e foi colonizada pelos gregos desde o século IX a.C. Politicamente, entretanto, sofreu diversos reveses. Esteve sob o domínio do rei da Lídia, dos persas, de Alexandre o Grande e dos seus sucessores, os diádocos. Finalmente, em 133 a.C., foi legada a Roma pelo último rei de Pérgamo, e passou a ser administrada por um *senatus-consulto* com o status de cidade livre.

Uma das glórias da cidade era o Artemísion, o templo de Ártemis, considerado uma das sete maravilhas do mundo antigo, com suas 127 imponentes colunas. A deusa venerada em Éfeso era uma deusa oriental da fecundidade (Ártemis), e possuía um clero numeroso, bem como um culto que misturava práticas sexuais e religiosas.

Com a chegada do Império, Éfeso demonstra lealdade construindo um templo a Roma e a César. Possuía também uma considerável colônia de judeus.

Ao chegar na cidade, Paulo encontrou já Aquila e Priscila.

Durante três meses, mais até do que em cidades anteriores, Paulo prega na sinagoga. Apenas uma minoria acolhe a mensagem de Paulo. Depois, ele se dirige aos pagãos, com enorme sucesso, que o obrigou a alugar uma sala para ensinar os novos convertidos.

O tumulto da cidade não vem dos judeus, como já ocorrera tantas vezes, mas dos pagãos, dos líderes religiosos do templo de Ártemis, que sentiam-se prejudicados nos seus negócios comerciais.

A comunicação entre Éfeso e Corinto era facilitada pelo porto de Cencreia, o que viabilizou uma intensa correspondência de Paulo com a igreja de lá.

Foi durante sua permanência em Éfeso que Paulo passou por uma grave provação, da qual ele fala em termos misteriosos em 2Coríntios 1.8. Mas não há certeza sobre o tipo de provação a que ele se refere. Alguns estudiosos têm sugerido que seria um aprisionamento na cidade, de onde ele teria escrito sua carta a igreja de Filipos, outros sugerem que Filipenses foi escrita de Roma.

A correspondência atribulada de Paulo a cidade culmina com uma "carta de lágrimas" (2Co 2.3,4), considerada por muitos autores como o texto de 2Cor 10-13, um documento ríspido e duro de Paulo à igreja para tentar contornar uma situação de conflito.

Aparentemente, a situação foi contornada. Tito trouxe notícias boas da cidade para Paulo quando ele já se encontrava na Macedônia após partir de Éfeso (caso 2Coríntios 1-9 seja realmente posterior a 2Coríntios 10-13). De lá ele envia uma carta amistosa para a igreja (2Coríntios 1-9), procurando a reconciliação.

O tema que consumirá Paulo

daqui para a frente até o fim da viagem será a questão daqueles pregadores que lhe seguem os passos criticando seu ministério. Autores antigos costumavam chamá-los de judaizantes. Atualmente, este termo tem sido cada vez menos usado. Nos termos de um autor, o termo judaizar não seria apropriado porque implica em juízo de valor. Mas, mais do que isso, o termo não ajuda a compreender o que foi o fenômeno que trouxe tanto desconforto para Paulo.

Quando se usava o termo judaizantes, pensava-se num grupo de seguidores de Jesus, de etnia judaica, com grande probabilidade oriundos da Igreja de Jerusalém, que divergindo da assembleia de Jerusalém, visitam as igrejas especialmente fundadas por Paulo e sua missão, procurando convencê-las a adotar práticas específicas do Judaísmo, como a circuncisão ou a atenção para o sábado. Foi contra eles, principalmente, Paulo escreveu a carta aos Gálatas.

Quais seriam os motivos destes judaizantes? São motivações tanto políticas quanto religiosas. A tensão na Palestina aumentava cada vez mais. O movimento nacionalista dos zelotes se intensificava. Havia uma confusão entre zelo pela lei e patriotismo. Há um movimento para tentar organizar os judeus da diáspora para ajudar os judeus da Palestina. Neste contexto, como os seguidores de Jesus deveriam ser tratados? Paulo já desassociara a fé em Jesus como o messias de qualquer perspectiva nacionalista quanto a Israel.

Mas a crise dos judaizantes se dá num nível ainda mais profundo, e tem a ver com o próprio lugar de Jesus na história da salvação e seu papel diante da lei. Os judaizantes entendiam que Jesus fora um profeta que pregou um avivamento de Israel e queria guiar as pessoas para uma prática mais perfeito da fé de Moisés. Para eles, Jesus era um profeta carismático de renovação de Israel.

Paulo entendia Jesus como o Filho de Deus enviado ao mundo para libertar o homem do jugo da Lei, e a partir dele não importava mais a circuncisão ou a incircuncisão.

As mensagens eram contrárias. E quando as notícias da obra que Paulo fazia chegaram a Jerusalém, um grupo se envolvia numa contumácia: refazer a obra de Paulo. A estratégia deles era:

- promoviam uma campanha de descrédito
- Paulo era apóstolo de segunda ordem por não ter seguido a Jesus em seu ministério itinerante e também por ter perseguido a igreja mãe
- Paulo fazia seu trabalho missionário sem a aprovação da Igreja de Jerusalém.

Parece que as comunidades plantadas por Paulo na Galácia estavam se convencendo desses pregadores, o que provocou a resposta irada de Paulo, especialmente seu capítulo autobiográfico de Gálatas 1 e 2.

Outro elemento importante des-

ta terceira viagem que se aproxima do seu final é uma coleta que Paulo levanta para os "santos de Jerusalém". A causa da coleta era a pobreza da igreja, formada por muitos galileus que desceram com Jesus para a cidade e não voltaram para seus trabalhos anteriores, agora desempregados, especialmente com o término das obras de reforma do templo.

Além do mais, uma das decisões da assembleia de Jerusalém, descrita em Atos 15, foi que as igrejas se lembrassem dos pobres de Jerusalém.

Paulo organizou esta coleta com muito cuidado, e tomou o cuidado para encarregar homens que recolhessem os fundos e fossem com ele levá-los a Jerusalém.

A viagem está quase terminando, e Paulo passa o inverno de 57-58 na cidade de Corinto. Ele está hospedado na casa de Gaio. Aqui, ele escreve sua maior obra, não apenas em tamanho, mas em envergadura de reflexão: é a Carta aos Romanos. Ele sintetiza em linhas bem amplas a sua perspectiva quanto à história da salvação, e toma cuidado para não excluir os judeus de seu pensamento.

Ele escreve esta grande carta como preparação para uma próxima viagem que ele deseja fazer, desta vez na direção de Roma, e de lá para a Espanha (Rm 15.24). Antes, entretanto, ele precisa entregar o resultado da coleta para a igreja de Jerusalém.

No final desta carta, a partir de Rm

15.30, ele denuncia que está preocupado com a forma como será recebido.

Não há descrição desta viagem na direção de Jerusalém nas cartas de Paulo, mas Atos daqui para frente fará uma descrição com bastante detalhes. Com o retorno da seção nós, o autor de Atos se junta novamente ao grupo. O grupo que o acompanha então é grande (At 20.4), algo em torno de 8 pessoas.

A chegada de Paulo a cidade se dá na festa de Pentecostes de 58.

Um autor (Cothenet) nota algo interessante. A narrativa de descida de Paulo a Jerusalém foi construída pelo autor de Atos para ser um paralelo para a descida de Jesus para a mesma cidade. Jesus e Paulo foram presos nela. Jesus foi morto; Paulo será deportado. Jesus foi ao templo para purificá-lo. Paulo foi para cumprir uma exigência da igreja de Jerusalém. São vários os avisos de Jesus para seus discípulos de que irá sofrer na cidade. Paulo também é avisado várias vezes de que será preso, principalmente por Ágabo.

A cena de despedida dos presbíteros ou episcopos de Éfeso dá uma ideia da organização destas comunidades nesta data tão recuada. O discurso de Paulo para eles é como o discurso de despedida de um patriarca.

Quando finalmente chega em Jerusalém, a cidade está em ebulição. Daqui a poucos anos estourará a

revolta judaica. O procurador Félix fez uma horrível administração e aumentou o poder de reação dos zelotes.

A comunidade de discípulos de Jesus vivia uma situação delicada na cidade. Ela tende a não se envolver nos conflitos, mas está preocupada com a visita de Paulo, um já famoso pregador de posições liberais pelo judaísmo da diáspora. Não há a menção dos apóstolos aqui. Apenas Tiago e os presbíteros da igreja recebem Paulo e o fazem de forma discreta. Como Paulo é acusado de afastar os judeus da Lei, Tiago pede que Paulo dê provas de obediência cumprindo uma cerimônia de purificação no templo (At 21.26).

A reação de Paulo, ao acatar a sugestão, indica que ele estava realmente disposto a ser judeu para judeu, e grego para grego (1Co 9.20). Mas a estratégia não deu certo.

Quando Paulo cruzou o muro que isolava o átrio dos judeus do átrio dos gentios, ele foi acusado de ter introduzido no átrio específico de Israel um grego da Ásia menor, e quase foi linchado pela multidão, só sendo salvo pela intervenção dos soldados romanos.

Historiadores indicam que realmente havia uma inscrição que alertava os estrangeiros da proibição de atravessar a soleira, sob pena de morte: "proibido a qualquer estrangeiro ultrapassar a cancela e penetrar no recinto do santuário. Quem for apanhado

neste local será responsável pela sua morte, que se seguirá”.

Ao se identificar como cidadão romano, Paulo foi levado pelos soldados. Ainda foi apresentado diante do sinédrio, onde fez um curioso discurso, se identificando com os fariseus e a fé na ressurreição, dividindo o plenário. Como havia complô para o matarem, foi levado para Cesareia, onde residia o governador.

Ele foi acusado de perturbar da ordem pública e de profanar o templo. Paulo se defendeu das acusações, mas ficou no cativeiro mesmo assim. Um autor (Cotthenet) insinua que o governador Félix não encontrara nada para o segurar, mas ainda aguardava “uma boa soma em dinheiro para pô-lo em liberdade”.

Como a situação na região se agravasse, o imperador enviou um novo governador, Festo, com uma política de apaziguamento. Ele queria retomar o julgamento de Paulo até mesmo para agradar o sinédrio, e encaminhá-lo para um tribunal judaico. Mas Paulo replicou que estava diante do tribunal de César, e era onde deveria ser julgado.

Os termos preservados por Atos 25.10 não indicam um apelo formal a César, isso porque não havia ainda uma sentença. Apelos a César poderiam ser feitos por cidadãos romanos após uma sentença desfavorável, o que obrigava o magistrado a encaminhar quem apelou para a capital.

De qualquer forma, Festo ainda ouviu de passagem Agripa II e sua esposa Berenice sobre o prisioneiro, e em seguida o encaminhou para Roma.

A viagem é narrada em Atos 27, e é difícil de ser resumida pelos inúmeros percalços no caminho. Mas finalmente o apóstolo chegou em Roma.

Ao chegar na cidade, ele foi recebido por alguns discípulos do movimento de Jesus, ainda a 65 km de Roma, no Foro de Ápio, e depois a 49 km, nas Três Tabernas.

Atos não informa como a igreja começara na cidade, mas havia ali uma importante comunidade judaica, que mesmo após o decreto de Cláudio, continuava grande na cidade. Paulo se dirige para a sinagoga judaica também.

Como Festo deve ter feito um relatório favorável a Paulo, ele estava sob o regime de custodia militaris. Podia ficar num aposento particular, sob vigilância de um soldado. Assim permaneceu por dois anos. Dali ele recebeu a visita de representantes da comunidade judaica da cidade. Ao falar para eles, acontece o mesmo que aconteceu antes. Poucos judeus se convertem; apenas prosélitos recebem bem a palavra.

Durante este período, ele recebeu a visita de Epafras, natural de Colossos, convertido por Paulo em Éfeso. Ali ele conta como o evangelho chegou à sua cidade natal. A região será arrasada em 60-61 por um terremoto e não se recuperará

mais. Da região, Laodicéia, a capital administrativa, conseguirá se reerguer.

Paulo fica sabendo da inquietação provocada por pregações de teor judaico mas de cunho pouco tradicional, com culto a anjos, visões, hierarquias celestiais, com alguma semelhança ao judaísmo de Qumran. Diante do que ouviu, Paulo tem a oportunidade de refletir sobre o papel de Jesus na ordem da criação. Refletindo textos das Escrituras hebraicas, Paulo vincula Jesus, o messias, à Sabedoria, e o faz artífice da criação, como imagem do Deus invisível, e agente de tudo o que foi criado. Há aqui uma elevação da cristologia do apóstolo.

Ao mesmo tempo, em função de Onésimo, um escravo fugitivo que se converteu com a mensagem de Paulo, Paulo escreve uma carta a Filemom, um convertido da cidade de Colossos, dono de Onésimo, para que o receba de volta e o trate bem.

As duas cartas foram entregues a Tíquico, e ainda demonstram alguma esperança de libertação.

O término de Atos é otimista. Paulo é mostrado pregando sem impedimento o evangelho. Mas como sua prisão terminou? Segundo a tradição das igrejas antigas, ele foi solto, absolvido por falta de provas, ou por clemência, e retoma seu ministério. De qualquer forma, ainda neste período, um processo como o de Paulo não seria visto de forma distinta do judaísmo.

Se Paulo foi realmente solto, o que aconteceu com ele é alvo apenas da tradição. Ele morreu martirizado em Roma algum tempo depois, num segundo cativeiro, mas a data é incerta. Talvez debaixo da perseguição de Nero por causa do incêndio em Roma, entre julho de 67 e junho de 68.

Mas se ele foi solto em 63 e morreu quatro ou cinco anos depois, o que aconteceu neste período? Apesar de distante de Paulo, a citação de Eusébio é uma bela evidência: “Desejamos observar que o martírio de Paulo não teve lugar durante a permanência em Roma, descrita por Lucas. É verossímil, além disso, que, no começo do seu reinado, Nero tenha sido mais benigno e facilmente tenha aceito a defesa de Paulo em favor de sua doutrina” (Historia Eclesiástica II, 22, 2-8).

A hesitação de Eusébio é notada, entretanto. Ele emprega “segundo dizem”, o que indica que nem mesmo no seu tempo havia certeza quanto ao que aconteceu com o apóstolo e à historicidade do segundo cativeiro.

Clemente de Roma parece falar sobre este assunto em sua Carta aos Coríntios (1 Co 5.4-7): “Depois de ter ensinado a justiça ao mundo inteiro e atingido as extremidades do Ocidente, ele deu testemunho diante dos governantes; foi assim que abandonou o mundo e se foi para a morada da santidade – ilustre modelo e Constância”.

Documentos do mesmo período que Clemente ou de um pouco

depois, vinculados ao apóstolo como documentos pseudônimos, relatam um deslocamento pelo Mediterrâneo que só se explicaria após o cativo em Roma e entre um seguinte cativo. Mesmo rejeitando a autoria paulina, a geografia das cartas pastorais pode refletir um quadro geral histórico. O quadro geográfico das Epístolas Pastorais aponta Paulo em Éfeso, e a definição de Timóteo na cidade para organizar a comunidade; em Creta, onde Tito fica para fazer a mesma coisa.

Paulo ainda passa por Trôade, Nicópolis, onde fica para o inverno.

Em julho de 64, irrompeu um incêndio em Roma. Nero acusa os discípulos de Jesus de serem os autores. As fontes romanas que narram o incidente, como Tácito e Suetônio, mesmo posteriores, já indicam a perspectiva do Império de que os seguidores de Jesus não eram exatamente judeus. Isso estaria na base da perseguição de Nero, já que ele toma como bode expiatório especificamente o movimento de Jesus e não os judeus da cidade. Os romanos já conseguem, pelo menos na capital, distinguir os grupos.

Neste período, Pedro foi crucificado.

Não há aqui um decreto de Nero proibindo o cristianismo, como indicaria posteriormente Tertuliano (Apologética 8-9). Possivelmente, ele apenas aplica um princípio do

direito romano, encontrado em Cícero, De legibus, II, 8: “que ninguém tenha deuses particulares, nem novos, nem estrangeiros, se eles não tiverem sido admitidos pelo Estado”.

Um autor menciona uma interessante sugestão para o fato dos romanos já poderem separar o movimento de Jesus do Judaísmo: “Suspeita-se que uma denúncia bem documentada tenha sido transmitida a Roma pelos saduceus por intermédio de Popeia, esposa de Nero e prosélita. Antes do século III não houve edito geral de perseguição, mas as comunidades viviam sempre na incerteza, expostas à malevolência da turba e à denúncia de invejosos, como se poder ver na correspondência de Plínio, o Moço, com Trajano” (E. Cothenet).

A menção dessa denúncia anônima é interessante e poderia explicar como o movimento de Jesus já não foi visto por Nero como uma seita judaica.

Paulo continua viajando freneticamente, até que um tal de Alexandre o fundidor o denunciou (2Tm 4.14). O que se segue é um duro cativo, bem mais severo que o anterior. Lucas ainda está com ele, mas ele não tem as mesmas regalias que antes.

Paulo se sentia muito só. Algum tempo depois sofreria a pena reservada para um cidadão romano: a decapitação pela espada.

LIÇÃO

1

**TEXTO BÍBLICO**

**ROMANOS 1**

**TEXTO ÁUREO**

**ROMANOS 1.16,17**

# O RETRATO DO HOMEM DA CIDADE ONTEM E HOJE

## PREPARO

### Objetivos

- Saber que na época de Paulo havia conflitos entre os cristãos, dentro da igreja.
- Entender que a forma de enfrentamento desses conflitos continua sendo a mesma: o poder revolucionário da fé e do evangelho.

## Material didático

- Para esta lição, podem ser usados recursos visuais como mapas e fotos da cidade de Roma, do apóstolo Paulo e de cristãos daquela época, além de quadro-negro ou branco onde o professor poderá apresentar o roteiro da aula.

## Metodologia de ensino

A técnica sugerida é de uma aula expositiva, porém, participativa à medida que envolve os alunos no ambiente cultural do século 1 e da cidade de Roma.

Após buscar Deus em oração, você deve buscar um aprofundamento do texto de Romanos 1, especialmente os versículos 16 e 17. Esse primeiro aprofundamento poderá ser feito mediante a leitura de várias versões de Bíblias comentadas e de comentários bíblicos que abordem o texto.

Familiarizado com os textos, é aconselhável que o professor aprofunde seus conhecimentos sobre a vida na cidade de Roma na época de Paulo a partir da leitura de livros de história

geral, história da igreja ou introdução ao Novo Testamento.

## Desenvolvimento da aula

A aula poderá dividir-se nos seguintes momentos:

**Momento 1** – Oração introdutória: perguntar se há algum motivo de oração e orar pelos pedidos apresentados bem como pedindo a direção do Espírito Santo sobre o tema a ser explanado.

**Momento 2** – Questões preliminares: perguntar se os alunos já ouviram falar sobre o povo e a cidade de Roma da época de Paulo, onde ela fica, seus costumes e habitantes. Mostrar fotos e mapa da cidade para enriquecer os comentários.

**Momento 3** – Roma, uma cidade de muitos desafios. Fazer uma apresentação breve sobre mais algumas peculiaridades da cidade de Roma da época de Paulo.

**Momento 4** – A pregação necessária para a grande cidade. Resumir o texto de Romanos 1.8-15 e comentar o fato de que a problemática cidade de Roma e seus habitantes só poderiam ter uma melhor qualidade de vida se conhecessem e abraçassem o evangelho. Perguntar a turma se eles, à luz dos problemas enfrentados nas suas cidades, concordam com o pensamento: “as dificuldades ficam mais fáceis de ser enfrentadas tendo Jesus ao nosso lado”.

**Momento 5** – A degradação humana na grande cidade e o ponto mais baixo a que desce a humanidade. Comentar sobre como o endurecimento

do coração do homem o tem tornado cego para a revelação natural e especial de Deus, além de torná-lo uma pessoa sem amor e misericórdia.

**Momento 6** – Roma e as grandes cidades de hoje. Destacar, por meio de paralelos, as semelhanças entre a Roma no tempo do apóstolo Paulo e as “Romans” de hoje. Nossa cidade, por exemplo, pode ser uma “Roma” se nela encontramos mais violência, desamor, maldade e injustiça do que amor, bondade e fraternidade.

**Momento 7** – O juízo de Deus sobre a humanidade. Numa leitura panorâmica, podemos ver as razões pelas quais Deus condenou toda a humanidade. Primeiro, por suprimir a verdade de Deus (Rm 1.18). É o que fazem os grandes sistemas religiosos do mundo que, enquanto dizem conduzir a Deus, levam direto para a perdição.

Segundo, por ignorar a revelação de Deus (Rm 1.19). Deus revelou-se a toda a humanidade. Exatamente por isso ninguém pode dizer, diante do julgamento divino, que não conheceu Deus. De alguma maneira, mesmo rudimentar, todos tiveram acesso a uma parcela do seu conhecimento. Essa revelação é dada a todas as pessoas através do mundo criado (Rm 1.18-20; Sl 19.1-6; At 14.15-17), da natureza humana (Gn 1.27) e da história mundial (conferir Ef 1.11). Entretanto, enquanto suficiente para revelar que existe um Deus e uma vontade divina para o ser humano, essa revelação geral é insuficiente para salvar. Ela foi distorcida pela natureza pecaminosa do ser humano (Rm 8.20). Ela serve apenas para condenar, já que todos

puderam conhecer Deus e mesmo assim o ignoram.

Terceiro, por perverter a glória de Deus (Rm 1.21-23). Essa perversão é assustadora, numa descida vertiginosa do culto a Deus para o culto aos répteis. O versículo 21 diz que o mundo tinha recebido o conhecimento de Deus, mas:

- a) não o glorificaram como Deus (21);
- b) não lhe deram graças (21);
- c) tornaram-se nulos em seus próprios raciocínios (21);
- d) obscureceram o próprio coração (21);
- e) arrazoaram-se por sábios (22);
- f) tornaram-se loucos (22);
- g) entregaram-se à idolatria.

O castigo de Deus veio em forma de abandono. Deus abandonou o homem à sua própria sujeira. Abandonou-o à fornicação (1.24s), à perversão sexual (1.26s) e a um estilo de vida depravado (1.28s). Paulo cataloga 21 exemplos de comportamento imoral, resultados diretos da entrega do homem aos seus próprios pecados. Os culpados desses crimes os cometem sabendo da pena prescrita para os mesmos, alegrando-se neles e encorajando outros a seguirem seus passos.

### Leitura complementar

Os problemas das grandes metrópoles da atualidade

Os problemas das grandes cidades, também conhecidas como metrópoles, passam pela superpopulação,

infraestrutura deficiente e alto custo de vida. Apesar de serem cidades glamourosas e terem estilos irresistíveis, elas não conseguem oferecer aos seus habitantes uma boa qualidade de vida.

Internacionalmente, na Europa, em Londres, o transporte ruim (esta cidade tem o metrô mais antigo do mundo e precisa de grandes investimentos para modernizar-se) e a poluição (que tem aumentado o número de doenças respiratórias, como a asma) atormentam os moradores. Em Paris, as reclamações são por causa da poluição, trânsito congestionado, dia a dia corrido e alto custo de vida. Já no continente americano, em Nova York, os problemas são quilométricos engarrafamentos, alto custo de vida e ameaçada por uma crise de energia, haja vista o sistema elétrico de Nova York ser muito velho. Do outro lado do mundo, em Tóquio, os problemas são a superpopulação (de quase 30 milhões de pessoas), o alto custo dos imóveis para aluguel, a poluição e o congestionamento.

Nacionalmente, as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo também sofrem com a poluição, o alto custo de vida, a violência alavancada pela desigualdade social e os engarrafamentos diários.

Nesse cenário caótico das metrópoles, a igreja e o poder revolucionário do evangelho podem amenizar o desconforto dos moradores promovendo entre seus fiéis um ambiente de justiça, amor, bondade e fraternidade. Como você e sua igreja têm ajudado a sua cidade e seus moradores?

## LIÇÃO

## 2

# O PERFEITO JUÍZO DE DEUS

**TEXTO BÍBLICO****ROMANOS 2****TEXTO ÁUREO****ROMANOS 2.2****PREPARO****Objetivo**

• Aprender sobre o julgamento precipitado e a segurança advinda da aparência exterior.

**Material didático**

Para esta lição, podem ser usados recursos visuais como fotos de diversos tipos de pessoas, algumas muito elegantes e outras não muito, algumas com aparência de religiosas etc., além de quadro-negro ou branco onde o professor poderá apresentar o roteiro da aula.

**Metodologia de ensino**

A técnica sugerida é de uma aula expositiva, porém, participativa à medida que envolve os alunos em temas delicados como o julgamento do padrão de conduta de alguém a partir da sua aparência.

**Preparação da aula**

Após buscar Deus em oração, você deve buscar um aprofundamento do texto de Romanos 2, especialmente o versículo 29. Esse primeiro aprofundamento poderá ser feito mediante a leitura de várias Bíblias comentadas e de comentários bíblicos que abordem o texto.

Familiarizado com os textos, é aconselhável que o professor aprofunde seus conhecimentos sobre aspectos psicológicos da percepção e como as pessoas, geralmente, fazem julgamentos prévios sobre as outras.

**Desenvolvimento da aula**

A aula poderá dividir-se nos seguintes momentos:

**Momento 1** – Oração introdutória: perguntar se há algum motivo de

oração e orar pelos pedidos apresentados bem como pedindo a direção do Espírito Santo sobre o tema a ser explanado.

**Momento 2** – Questões preliminares: perguntar se algum deles já falou mal de alguém ou se julgou errado uma pessoa por causa da sua aparência exterior.

**Momento 3** – Em Roma, os judeus se julgavam melhores. Resumir o texto de Romanos 2.1-16 e comentar o fato de Paulo criticar os judeus que condenavam os gentios por eles não guardarem a lei de Deus.

**Momento 4** – Como os crentes de hoje. Resumir o texto de Romanos 2.17-24 e comentar o fato de que, muitas vezes, julgamos os outros pelos pecados que nós cometemos. Perguntar se alguém já fez isso.

**Momento 5** - Aparência versus interior. Resumir o texto de Romanos 2.25-29 e comentar que, para Deus, o que vale é o interior e não a aparência exterior. Não adianta ter aparência de filho de Deus tem que ter disposição interior de filho de Deus.

**Momento 6** - Os cuidados que devemos ter hoje. Comentar que, hoje, devemos estar alertas para não termos um evangelho só “de boca”, mas de atos, exteriorizando que somos verdadeiros filhos de Deus.

### Leitura complementar

Atualmente, muitas pessoas, das mais diversas classes sociais, estão tão obcecadas com a aparência exterior que, não medindo esforços para

terem corpos perfeitos, cedem a cirurgias plásticas, a dietas intermináveis e a prática excessiva de ginástica.

A insatisfação com seus traços físicos (como a forma da boca, dos olhos etc.), a cor e a textura da pele, é algo que tem levado às pessoas aos consultórios médicos e as clínicas de beleza.

O cristão, em meio a tudo isso, deve aprender a manter-se equilibrado. Em outras palavras, deve cuidar de si. É bom se sentir bonito, inserido socialmente no padrão de beleza da sua época, usar uma roupa da moda, mas não supervalorizar um determinado cuidado. O cristão moderno não deve supervalorizar a aparência exterior, mas lembrar que sua aparência exterior deve, também, refletir o seu interior. Inúmeros textos bíblicos falam sobre isso.

Uma passagem clássica é a de Mateus 6.22,23a: “A candeia do corpo são os olhos; de sorte que, se os teus olhos forem bons, todo teu corpo terá luz; se, porém, os teus olhos forem maus, o teu corpo será tenebroso”. Ou seja, nossos olhos mostram, revelam, como espelhos da alma, a nossa condição espiritual. Diante disso, o cristão, para estar e ser bonito, precisa cuidar mais da sua espiritualidade do que da sua aparência exterior.

Se você se mantiver em comunhão com Deus, vivendo em harmonia e santidade, então, onde quer que estiver – em casa, no trabalho, na rua ou na igreja – será visto como alguém que espelha a glória de Deus no seu caráter. É isso que lhe tornará belo: ter Cristo. Jesus, dentro de você, lhe tornará bonito aos olhos dos homens.